



## PERGUNTAS A

### ● VITOR CORREIA

PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO EUROPEIA DE GEÓLOGOS  
(EFG-EUROPEAN FEDERATION OF GEOLOGISTS)

# “Aproveitamento do potencial geológico nacional é uma corrida de fundo”

**Quais as áreas geológicas em que reconhecem mais potencial em Portugal? Este está identificado ou ainda fica no campo das hipóteses?**

O Laboratório Nacional de Energia e Geologia tem efectuado um esforço de inventariação do potencial mineral existente, tendo concluído que valerá 1% a 2% do PIB. E nessa avaliação estou certo que não foram tidos em conta os recursos energéticos nem os recursos em meio marinho, por requerem ainda uma avaliação precisa. Contudo, é fundamental sublinhar que o aproveitamento do potencial geológico nacional é uma corrida de fundo, que exige uma estratégia clara e um forte planeamento, tendo em conta os investimentos necessários no reconhecimento do que existe no subsolo nacional e em infra-estruturas de beneficiação e de transporte dos minérios (p.e. ferrovias e portos).

Sabemos que o país está financeiramente de rastos, mas acreditamos que só há uma forma de encarar o futuro: precisamos de investir na avaliação do potencial geológico nacional para o podermos explorar de modo sustentável.

**Esta poderá ser uma solução para o enriquecimento de Portugal, como defende o tema das Jornadas?**

Sem dúvida. Com a entrada da China na Organização Mundial do Comércio em 2001 as cadeias de abastecimento industrial recentram-se em torno da nova “oficina do Mundo”. Mas com a ascensão da China aumentou a competição global por energia e matérias-primas minerais. Em poucos anos o gigante asiático passou a consumir a maior parte das matérias primas críticas para aplicações de alta tecnologia, o que teve forte impacto nas indústrias Europeias da electrónica, ambiente, telecomunicações e defesa.

A União Europeia (a par do Japão e dos EUA) reagiu recentemente, e a Comissão está agora a preparar um ambicioso programa que aposta na prospeção de matérias-primas minerais (ditas estratégicas) em território Europeu. É inegável que Portugal possui recursos im-

**É urgente unir o sector dos recursos minerais, reunir competências (no Estado e nas universidades laboratórios do SCN) e investir no reconhecimento geológico.**

portantes de tungsténio, cobre, estanho e ferro, todos eles relevantes para a indústria Europeia.

**Segundo percebe, existe uma estratégia para explorar o potencial geológico, mas não um programa. O que falta fazer nesta área?**

Percebeu muito bem. Falta tudo, para passarmos da estratégia para a acção: um plano, com a identificação clara de responsabilidades, tarefas meios e cronograma.

Note que a situação de referência em Portugal evidencia uma insatisfação generalizada da maioria dos actores devido a custos de contexto (burocracia, dificuldades de acesso a informação, competição pelo uso do solo, baixo reconhecimento social da actividade mineira), elevados custos de energia e dificuldades de financiamento. Depois, os actores públicos estão dispersos (múltiplas instituições do Estado envolvidas no desenvolvimento do potencial geológico nacional, universidades e laboratórios do Sistema Científico Nacional com valências pulverizadas). E as empresas estão centradas no curto prazo devido aos elevados custos de

contexto e descrentes da capacidade dos actores públicos para fornecerem suporte ou apoio útil. É urgente unir o sector dos recursos minerais, reunir competências (no Estado e nas universidades laboratórios do SCN), investir no reconhecimento geológico, diminuir custos de contexto, desenvolver estruturas para beneficiação dos minérios (para aumentar o valor acrescentado) e melhorar a logística.

**A exploração geológica envolve sempre um risco elevado, e uma taxa de sucesso reduzida. Na vossa perspectiva em que áreas se poderiam apontar o investimento para um resultado mais eficiente e de curto/médio prazo?**

Este é um sector de actividade em que não se pode pensar em curto prazo e em retorno imediato, porque os projectos extractivos têm sempre períodos de investigação e análise que demoram 3 a 5 anos. E depois é preciso iniciar a exploração. No caso do petróleo, entre o reconhecimento e a entrada em produção poderão estar 6 a 10 anos. No caso das rochas ornamentais o período é muito menor, mas sempre de 2 ou 3 anos.

E também não há forma de aumentar a taxa de sucesso. A solução passa sempre por diversificar, envolvendo activamente trabalhos de prospecção e avaliação de diferentes recursos geológicos, em diferentes contextos, cruzando tecnologias e competências distintas.

Mas o fundamental, para já, era o Governo reconhecer esta como uma das áreas prioritárias para o sucesso económico futuro do nosso país. Apesar de as associações empresariais, universidades e laboratórios do Sistema Científico Nacional estarem já empenhadas em agrupar-se (através da constituição de um Pólo de Competitividade dos Recursos Minerais) e de estar publicada em DR uma Estratégia Nacional para os recursos geológicos, falta transformar esta “possibilidade” num desígnio nacional capaz de unir todos os actores, suportado por um Plano de Acção que explicite como aproveitar o potencial geológico existente para recuperar o País.